

A PRESENÇA ASIÁTICA NA COSTA ORIENTAL AFRICANA ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES

*Luís Frederico Dias Antunes**

A presença asiática na costa oriental africana remonta a tempos muito recuados. É sabido que o litoral abissínio do Mar Vermelho e a faixa costeira de África Oriental que vai desde a ilha de Moçambique até ao Cabo Guardafui foram frequentados pela navegação grega, árabe, persa e indiana.

O Périplo do mar Eritreu, obra anónima, provavelmente escrita em Alexandria cerca de 60 d.C., foi uma das principais fontes históricas a realçar os contactos entre a região norte da costa oriental africana, o Mar Vermelho e os portos da Índia e de Ceilão.¹

Depois de nos indicar um conjunto de portos situados na costa africana do Mar Vermelho, nomeadamente Muos Hormos (perto de Qosseir), Bernike, Meroe, Adouli, Aualites (Zeila), Malao (Berbera), Moundou (Bandar Hais), Mosullon (Bandar Kasim ou Bandar Ziada), Akannai (Bandar Alula), Olok e Tabae (Tohen), revelou-nos a importância comercial de Opone (Ras Hafun).² A este porto africano, situado à entrada do Golfo de Aden,

*Centro de Estudos Africanos e Asiáticos. Instituto de Investigação Científica Tropical.

¹ G. W. B. Huntingford (Trad. e ed.), *The Periplus of the Erythraean Sea*, The Hakluyt Society, London, 1980. Sobre a autoria, datação, número de manuscritos e edições veja-se a supracitada obra, pp. 5-13.

² Idem, *Ibidem*, pp. 19-28. (Cap. 1 a 12 incl.)

chegavam navios vindos de Ariake (perto do Guzerate) e de Barugaza (Baroche) na Índia ocidental carregados de tecidos de algodão, cintos de couro, cereais, açúcar, arroz, óleo de gergelim e ghee.³ Outras embarcações, que eram equipadas em portos egípcios, desciam o Mar Vermelho dirigindo-se, também, a Opone carregadas com túnicas, cobre, estanho, prata trabalhada e vinho. Nestas viagens era frequente os barcos fazerem escalas mais ou menos prolongadas em diversos portos para que os comerciantes pudessem trocar as suas mercancias. De retorno os navios traziam canela, incenso, resinas aromáticas, carapaças de tartaruga, marfim e grande quantidade de escravos que eram, depois, enviados para os mercados egípcios.⁴ Segundo Gervase Mathew, o porto de Opone seria nesta época um centro comercial com características fixas e, talvez tivesse uma alfândega a funcionar regularmente.⁵

Em relação à costa oriental africana o Périplo do Mar Eritreu dá-nos preciosas informações para a localização geográfica e o conhecimento dos hábitos dos nativos de Serapion (Mogadíscio), Nikon (Brava), Ilhas Puralaon (Ilhas de Pate, Manda e Lamu) e Ilhas Menouthias (provavelmente Pemba).⁶

O autor do Périplo referiu ainda as fortes ligações entre as localidades de Rahpta (situada perto de Quíloa) e Mouza (situada nas proximidades de Moca): contactos comerciais através da importação de lanças, machados, pequenas espadas de ferro, sovelas e diversos tipos de recipientes de vidro de Mouza,

³ Ghee é manteiga feita de leite de búfalo indiano, clarificada de modo a parecer óleo.

⁴ G. W. B. Huntington (Trad. e ed.), *Ob. cit.*, pp. 28-29. (Cap. 13 a 15 incl.)

⁵ Gervase Mathew, "The East Africa coast until the coming of the Portuguese", in Roland Oliver and Gervase Mathew (eds.), *History of East Africa*, Vol.I, Clarendon Press, Oxford, (1976), p. 94.

⁶ G. W. B. Huntington, (Trad. e ed.), *Ob. cit.*, pp. 29-30. (Cap. 15).

e da exportação de grandes quantidades de marfim da região de Rahpta; estabelecimento de laços de parentesco através de casamentos de membros da tripulação dos barcos árabes com nativas africanas; antigos vínculos de subordinação política de Rahpta perante o reino de Ma'afir que dominava o sul da Arábia; e de laços culturais expressos através do conhecimento que os marinheiros árabes tinham da língua dos africanos com quem se cruzavam.⁷

Ptolomeu também nos informou sobre os contactos comerciais entre o sul da Arábia e a costa oriental de África, até Prason (provavelmente Moçambique).⁸

Mais tarde, cerca de 553 d.C., o mercador de especiarias Cosmas Indicopleustus, um cristão nestoriano grego que viveu em Alexandria, dá-nos conta na Topografia Cristã da extensa rede de contactos entre a costa oriental africana, o Mar Vermelho, o Golfo Pérsico, os portos da Índia ocidental e Ceilão.⁹

Parece importante salientar que o eixo Adulis-Colloe-Axum, já anteriormente assinalado no Périplo, tinha-se deslocado ainda mais para o interior até Sasu (no actual Quénia) em busca de ouro, incenso, cálamo e cassia, por troca de sal, gado e artigos de ferro.¹⁰ Estas mercadorias seguiriam depois para o Egipto e para o costa arábica do Mar Vermelho. O comércio com a Índia ocidental desenvolvia-se de forma idêntica: mar-

⁷ Idem, *Ibidem*, pp. 30-31. (Cap. 16 e 17)

⁸ G. S. P. Freeman-Grenville (ed.), *The East African Coast: selected documents from the first to the earlier nineteenth century*, Rex Collings, London, 1975, pp. 3-4.

⁹ Cosmas Indicopleutès, *Topographie Chrétienne*, com Introdução, Texto crítico, Ilustração, Tradução e Notas de Wanda Wolska-Conus, 3 Tomes, Les Éditions du Cerf, 1968. Sobre o autor, a obra e a tradução do manuscrito veja-se o tomo I do supracitado livro, pp. 13-231.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, T. I, L. II, Cap. 49-52, pp. 356-362.

fim, carapaças de tartaruga e escravos africanos eram trocados por panos e missangas asiáticas.¹¹

A navegação comercial árabe foi preponderante no Oceano Índico. Segundo Tibetts, fontes sumérias do séc. III a.C. indicavam que a região de Oman importava madeira da Índia para ser utilizada na construção naval. Como se constata, os portos situados no corno de África, o de Moca e Aden no sul da Arábia, os de Oman e os do Golfo Pérsico foram muito importantes para o comércio asiático.

Os fluxos comerciais marítimos no Índico ocidental não deveriam ter sofrido grandes alterações entre o séc. I, época em que teria sido escrito o Périplo, e o advento do Islão. Com base nestas informações podemos estabelecer as principais rotas que ligavam a costa oriental africana ao Próximo Oriente e à restante Ásia. Uma rota, com origem em Prason, Rahpta ou Mogadíscio, tomava a direcção da região de Opone e do Cabo Guardafui, cruzava o Golfo de Aden acompanhando depois a costa sul da Arábia até às ilhas Kuria Muria. Então, passava a navegar ao largo em direcção ao Guzerate, ao Malabar e a Ceilão. Outra rota, com início nas mesmas cidades, ao alcançar Opone ou seguia para norte rumo a Adulis com o objectivo de atingir os mercados egípcios, ou atravessava o Mar Vermelho tomando o caminho de Moca com a finalidade de alcançar Damasco, a capital do califado Omíada e grande emporio aonde chegavam as pérolas e o comércio da Índia e da Pérsia. Mais tarde, na 2ª metade do séc. VIII, esta última rota desviaria o seu curso para Bagdad e Bassorá, cidades que estavam mais próximas do Golfo Pérsico. Esta mudança ficou a dever-se à deslocação da capital de Damasco para Bagdad como consequência da queda do califado Omíada e a ascensão do califado

¹¹ Idem, *Ibidem*, T. I, L. II, Cap. 45-46, pp. 350-354; T. I, L. III, Cap. 65-66, pp. 502-506; T. III, L. XI, Cap. 3, p. 318 ; Cap. 5, p. 322; e Cap. 23-24, pp. 354-356.

Abássida. Este facto foi bastante importante para o desenvolvimento do comércio oriental, porque assinalou a mudança do centro da civilização muçulmana do Mediterrâneo oriental para as fronteiras da Ásia.

Na 2ª metade do século IX, al Jahiz (c.869) um escritor de origem abissínia, legou-nos interessantes informações sobre os povos de al-Habash (Abissínia), de Barbar (Somália) e de an-Nubia (Núbia) na sua obra denominada Kitab Fakhr as-Sudan 'ala 'l-Bidan (O Livro sobre a supremacia dos Abissínios negros sobre os brancos). Utilizando fontes escritas antigas e narrativas orais de mercadores e navegantes com quem tinha tido contacto em Bassorá, o porto do califado que maior actividade comercial desenvolvia no Oceano Índico, al-Jahiz referiu-se a uma expedição marítima comandada por um príncipe omanita que chegada à costa oriental africana, provavelmente na 2ª metade do século VII, foi destruída pelos nativos.¹²

O comércio de África Oriental com a Ásia deveria ser considerável. Já no séc. X os chineses reuniam em compêndio as inúmeras informações que dispunham sobre a África Oriental, nomeadamente sobre o comércio de escravos, marfim e âmbar que negociantes persas faziam em troca de tecidos asiáticos.¹³ Apesar de terem sido descobertos alguns objectos de porcelana e moedas chinesas em diversos pontos da costa africana, são muitos os estudiosos que actualmente duvidam da veracidade da existência do tráfico directo entre a China e África Oriental.¹⁴

¹² Tadeusz Lewicki, *Arabic external sources for the History of Africa to the South of Sahara*, Polska Akademia Nauk - Oddzial W Krakowie, Prace Komisji Orientalistycznej, Nr. 9, Wroclaw, Warszawa, Kraków, 1969, pp. 18-19.

¹³ G. S. P. Freeman-Grenville (ed.), *The East African Coast (...)*, pp. 21-22.

¹⁴ António Rita-Ferreira, *Fixação Portuguesa e História Pré-Colonial de Moçambique*, I.I.C.T., J.I.C.U., Estudos, Coleção Ensaios e Documentos, 142, Lisboa, 1982., p. 52; D. N. Beach, "The Zimbabwe Plateau and its Peoples", in David Birmingham and Phyllis Martin (eds.), *History of Central Africa*, London, 1983, Vol.I, p. 246.

Segundo W. Gungwu “os fragmentos de relatos que os chineses nos deixaram sobre os povos que viviam no extremo do Oceano Índico fazem supor que viam a África e os africanos com olhos árabes e que, para eles, estes povos eram súbditos dos soberanos muçulmanos e um prolongamento do império árabe”.¹⁵ Isto é, as mercadorias chinesas que chegavam a África eram trazidas por intermédio da extensa rede comercial muçulmana. De Bassorá, navegantes árabes viajavam até Malaca e daí, provavelmente, até à China. A Siraf, cidade frequentada por mercadores muçulmanos vindos de Bagdad e Bassorá, chegavam e partiam navios de Cantão. Transportavam para a China tecidos de algodão indiano, cavalos persas e árabes, ouro, marfim e escravos de África Oriental, especiarias do Malabar, Ceilão e Sumatra, e regressavam com louças, porcelanas e sedas.

Outro aspecto importante relaciona-se com a fundação de novas comunidades islamizadas na África Oriental, na Índia e na Ásia do sueste.

Os primeiros movimentos migratórios de muçulmanos para África Oriental parecem ter origem em perseguições políticas e religiosas que se sucederam à prolongada guerra civil que, em meados do séc. VIII, opôs os partidários das dinastias Omíada e Abássida. Na realidade, de acordo com a crónica de Oman de Salil ibn Razik, foi nessa época que os príncipes Ajditas Suleiman e Said conseguiram fugir com suas famílias e os seus discípulos para o país dos Zanj¹⁶ para poderem sobreviver à violência dos califas de Bagdad.

¹⁵ Wang Gungwu, “Los chinos y los países situados al otro lado del Océano Índico, in *Relaciones históricas a través del Océano Índico*, Serbal/Unesco, Colección de temas africanos, Barcelona, 1983, p. 72

¹⁶ A terra dos Zanj compreende genericamente uma extensa faixa de África Oriental cujos contornos são o Rio Juba na região sul da actual Somália, abrange ainda boa parte da região oriental do Quênia, da Tanzânia, onde se incluem a ilha de Zanzibar, e, finalmente, a região norte de Moçambique.

O topónimo surgiu desde a Antiguidade (Segundo o geógrafo alexandrino Claudio Ptolomeu o Cabo Zingion situava-se a sul do Cabo Guardafui. Também,

Na costa oriental africana, os seus descendentes passaram a ser conhecidos por Emosaides (ou seja, Ammu Said, descendentes do povo de Said).¹⁷ O cronista João de Barros, que teve acesso à crónica de Quíloa, recolhida pelos portugueses no cerco que teve ocasião em 1505, também nos informa da opressão religiosa, dado que Said, que “teve algumas opiniões contra o seu Alcorão, e a todolos que seguiram a sua doutrina os Mouros (...), os tem por hereticos”.¹⁸ Perseguidos pelo rei de Lasa pela sua acção proselitista, aquelas famílias árabes teriam sido as fundadoras de Mogadíscio e Brava.

Porém, sobre esta matéria as indicações de Chittick apontam para que o estímulo que teria motivado o movimento migratório em direcção à costa oriental africana estaria relacionado com “a prática do comércio, talvez conjugada com o desejo de viver num clima menos árido e geralmente mais fresco”.¹⁹

Baseado em relatos de viajantes, de marinheiros e de geógrafos árabes e persas podemos ter uma visão clara da costa

o mercador grego Cosmas Indicopleustus atribui a denominação Zingion à Barbaria que parece englobar a actual Somália) mas a etimologia da palavra Zanj, por vezes também grafada como Zinj, Zang e Zingue, permanece indecifrável.

¹⁷ José Alberto Tavim, *A costa oriental africana no livro de Duarte Barbosa*, U.N.L., F.C.S.H., Mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Seminário de História da Ásia (Séc.XV-XVIII), não publicado, Lisboa, 1989, p. 16; Albert Kammerer, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie depuis l'Antiquité*, Cairo, Vol.II, p. 70.

¹⁸ João de Barros, *Décadas da Ásia*, Edição da Livraria Sam Carlos, Lisboa, 1973, Déc.I, Liv.VIII, Cap. IV, p. 211.

¹⁹ Neville Chittick, “Africa del Este y Oriente: los puertos y el comercio antes de la llegada de los portugueses”, in *Relaciones históricas a través del Océano Índico*, Serba/Unesco, Colección de temas africanos, Barcelona, 1983, p. 19.

africana, dos usos e costumes dos nativos, da sua actividade económica, do tipo de comércio e dos produtos mais procurados.

Uma das obras mais importantes é o Kitab al-Buldan, (Livro das Terras)um tratado de geografia escrito nos primeiros anos do século X por Ibn al-Faqih. Nele dá-se a conhecer a existência de uma rota marítima entre Bassorá e a costa oriental de África e outra, que durava dois meses, com partida em Oman em direcção à mesma região.²⁰

De igual modo, o persa Abu Zayd al-Hasan, que nasceu em Siraf e permaneceu em Bassorá alguns anos durante o 1º quartel do século X, informa-nos no Silsilat at-tawarikh (Corrente de contos), que as peles de leopardo e os escravos de Sofala bem como o âmbar e as carapaças de tartaruga de Zeila, eram mercadorias de grande exportação para o mundo árabe.²¹

Entre as fontes árabes que se ocupam da África Oriental sobressae a obra denominada Kitab 'al-Aja'ib al-Hind (O Livro das Maravilhas da Índia), uma colecção de lendas e relatos de viagem de marinheiros e navegantes recolhida em Siraf entre 900 e 950 e escrita posteriormente a 953 por Buzurg ibn Shahriyar, um capitão de um navio, nascido no sul da Pérsia na cidade de Ramhormuz (Ormuz). Uma das narrativas diz respeito a Isma'ilaweyh, um capitão de um barco que navegando de Oman em direcção a Kanbalu se viu envolto numa "tempestade que

²⁰ Tadeusz Lewicki, *Ob.cit.*, p. 27. O Kitab al-Buldan é uma compilação de trabalhos de autores árabes antigos, nomeadamente, Ibn Qutayba, al-Baladhuri, Ibn Khurradadhbih e o tratado de geografia de al-Jahiz, bem como de relatos orais de mercadores e viajantes desconhecidos. Esta obra encontra-se num compêndio recopilado por Ash-Shayzari cerca de 1022 e editado por Goeje. (Compendium libri Kitab al-Buldan de Ibn al-Fakih al-Hamadhani, Ed. M. J. de Goeje, Lugduni Batavorum, 1885.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 31. O manuscrito Silsilat at-tawarikh, encontra-se na Bibliothèque Nationale de Paris

o arrastou até Sofala na costa Zanj". Isma'ilaweyh dá-nos informações sobre as vantagens do comércio que se podia realizar na região costeira a norte do Quénia onde não existiam "qualquer tipo de obstáculos ou direitos alfandegários". Fornece-nos ainda, preciosas indicações sobre as minas de ouro que se localizavam no interior montanhoso da terra dos Zanj e sobre o activo tráfico de escravos que a costa de Sofala mantinha com Oman e o Golfo Pérsico, especificando quantidades, preços e lucros que se obtinham com este negócio nos mercados árabes.²²

De acordo com al-Mas'udi (945), mercadores omanitas e persas teriam chegado muito antes do séc.X à "ilha de Kanbalu (Pemba), o ponto extremo das suas viagens nos mares de Zanj". Segundo aquele cronista, a população da região costeira entre Opono (Ras-Hafun) e a ilha de Zanzibar encontrava-se já profundamente miscigenada através de sucessivas gerações de casamentos e concubinatos entre muçulmanos e nativos africanos. A ilha de Pemba era, por exemplo, maioritariamente habitada por africanos que se encontravam chefiados por uma família real. Na realidade, numa visita que fez àquela ilha em 916, al-Mas'udi também refere a manutenção dos contactos comerciais entre a costa oriental africana e os territórios asiáticos, em particular, o Oman, a Pérsia e a Índia, e destes com a China: peles de leopardo (muito utilizadas na confecção de roupas e no fabrico de selins), carapaças de tartaruga (usadas na confecção de objectos de adorno), âmbar (utilizado por persas e iraquianos na elaboração de produtos farmacêuticos), escravos, cornos de rinoceronte, ouro e marfim (usado no fabrico de mobiliário e outros objectos de luxo, pentes, pulseiras, palanquins). A referência às minas de ouro nas regiões do interior a sul de Moçam-

²² G. S. P. Freeman-Grenville (ed.), *The East African Coast (...)*, pp. 9-13; Tadeuz Lewicki, *Ob.cit.*, pp. 36-37.

bique, parecem indicar que o minério vinha da região situada entre os rios Zambeze e Limpopo.²³

Al-Idrisi, (1100-1166) escritor marroquino nascido em Ceuta, informa-nos na sua geografia denominada Kitab Nuzhat al-mushtaq fi' Khtiraq al-afaq (O livro do entretenimento por um desejo de viajar pelo mundo) da actividade comercial existente entre Zalagh (Zeila), e a costa do Yemen. Menciona, ainda, as localidades de Barawa (Brava), Malinde (Melinde), Monbasa (Mombaça), referindo-se ao comércio de ouro, peles de leopardo e de ferro que ocorria nestas cidades. Para além disso, o autor especifica claramente que os africanos da costa oriental não dispunham de barcos com capacidade para fazer grandes viagens no Índico e que, por essa razão, utilizavam os de Oman e de outros sultanatos muçulmanos "que navegavam para as ilhas de Zanj que dependiam das Índias".²⁴

Por esta altura Yakut al-Rumi (1179-1229) escreveu um dicionário de grande importância para a história da África subsaariana, o Mu'jam al-buldan (Lista Alfabética de Terras). Esta obra contém informações sobre as cidades de Sofala, Monbasa (Mombaça), Marka (Merka) e Maqdashu (Mogadíscio) cuja população maioritariamente estrangeira mantinha um animado comércio baseado nas trocas de madeira de sândalo, de ébano, âmbar e carapaça de tartaruga.

Parece ter havido durante este período um notável incremento comercial. Al-Mas'udi sublinhou os aspectos relacionados com o comércio de marfim. Al-Idrisi salientou os que se prendiam com o comércio de ferro. O tráfico de escravos foi assinado por ambos. No início do séc. XII muitos comerciantes ricos e poderosos de Cantão possuíam escravos negros africanos bem

²³ G. S. P. Freeman-Grenville (ed.), *The East African Coast (...)* , pp. 14-17.

²⁴ Idem, *Ibidem*, pp. 19-20.

como objectos de marfim, cornos de rinoceronte, carapaças de tartaruga e âmbar.²⁵

Os portos que os mercadores muçulmanos desenvolveram primeiro na costa oriental africana situaram-se no corno de África. Mais tarde, foram os que se localizavam ao longo da costa da Somália até ao delta do Rufiji e Quíloa, na actual Tanzânia.

Como referimos atrás, parece provável que em meados do séc.VIII emigrantes vindos de Siraf, na Pérsia, de al-Hasa, perto do Bahrein, e de Oman tenham vindo estabelecer-se na costa oriental africana. Porém, segundo Chittick, foi no séc. X que se verificou o grande movimento migratório de Siraf.²⁶ Ausentando-se progressivamente das regiões de origem, mas conservando muitos traços culturais e religiosos, os árabes, a quem se reuniram os persas, estabeleceram um conjunto de pequenas e grandes povoações nas ilhas e locais mais abrigados da costa africana: Mogadíscio, Brava, Pate, Lamu, Melinde, Mombaça, Pemba, Zanzibar, Mafia e Quíloa. Construíram, assim, num processo longo, uma vasta rede comercial com base na troca de tecidos de algodão multicolor e de várias qualidades de missanga da Índia, por escravos, ouro, marfim e, em menor escala, âmbar, breu, carapaças de tartaruga, pérolas, cêra e caurim.

Até ao séc. XIII, Mogadíscio foi o principal porto comercial. A sua actividade depressa se estendeu às ilhas Comores, a Madagascar e ao ouro que se escoava pela região de Sofala. Embora tivesse sido mencionada desde o séc. X por diversos autores árabes, nomeadamente por ibn Magid, al-Mas'udi, Yakut, ibn Said, Abu al-Fida, ibn Battuta e ibn Ward, a localização desta área não foi estabelecida em moldes suficientemente precisos. Tal desconhecimento parece dever-se ao facto destes via-

²⁵ Gervase Mathew, *Ob. cit.*, p. 108.

²⁶ Neville Chittick, *Ob. cit.*, p. 18.

jantes e geógrafos reproduzirem, em muitos casos, notícias presenciadas por outros. Foi o que sucedeu com ibn Battuta que, não se tendo deslocado a nenhum território situado a sul de Quíloa, assinalou a povoação de Sofala por informação recebida: "Um mercador disse-me (em Quíloa) que a cidade de Sofala está situada à distância dum meio caminho de Quíloa".²⁷ Na realidade, a localização já demasiado meridional de Sofala poderá ser uma das razões mais plausíveis para que aqueles autores não se deslocassem com facilidade àquela região, preferindo divulgar outras opiniões, em particular, as dos comerciantes. É que tornava-se difícil navegar a partir da Índia, ou mesmo de Oman ou de Siraf, até Sofala, e regressar no mesmo ano: perdiam-se os ventos monçónicos.

A faixa costeira entre Quíloa e Sofala tornou-se bastante concorrida e melhor conhecida a partir de finais do séc. XIII.

De facto, o sultanato de Quíloa, após a ascensão da dinastia yemenita dos Mahadail e, durante todo o século XIV, particularmente no reinado de al-Hasan bi Sulayman (1320-1333), foi considerado um grande centro político e económico, cujo poder se estendia a todas as cidades costeiras. Mais perto dos centros produtores de ouro, Quíloa veria crescer rapidamente a sua autoridade ao retirar a Mogadíscio, localizada bem mais a norte, o monopólio do comércio que era escoado por toda a área litoral compreendida entre os rios Buzi e Save.²⁸

No século seguinte, essa influência continuou a fazer-se sentir e a alargar-se mesmo através da constante saída de Quíloa de novos grupos migrantes que se fixaram na costa norte até Pem-

²⁷ Ibn Battuta, *Voyages d' Ibn Battuta*, texte arabe accompagné d'une traduction par C. Defremery et B. R. Sanguinetti et notes de V. Monteil, Ed. Anthropos, Paris, 1969, Vol. 2º, pp. 192-193.

²⁸ Duarte Barbosa, *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1946, p. 23; Gervase Mathew, *Ob. cit.*, pp. 112-113; Edward A. Alpers, *Ivory and slaves in East Africa: changing patterns of international trade to the late nineteenth century*, London, 1975, p. 40.

ba, Mafia e Zanzibar e também no litoral sul, nas ilhas de Querimba, em Moçambique, Angoche, até Sofala. Quíloa, ao dominar o comércio do ouro através do controlo das rotas costeiras e das que ligavam o litoral ao interior, promoveria o aparecimento e desenvolvimento do porto marítimo de Sofala, que passava a ser utilizado como importante entreposto para a sua actividade comercial.²⁹

Por outro lado, a existência de trabalhos de investigação arqueológica realizados por Roger Summers e Raymond Mauny, tanto no Zimbabué como em Moçambique, permitem confirmar a existência de contactos comerciais que ligavam, por via terrestre, Quíloa ao sul do Zimbabué.

Raymond Mauny traça um esquema das rotas que poderiam ter sido as mais utilizadas por esses comerciantes. A saber: com a monção de Outubro chegavam a Sofala os mercadores muçulmanos; depois, em Novembro, em almadias e zambucos carregados de panaria, missanga e outros produtos indianos, subiam o rio Buzi até uma pequena localidade denominada Bikita. As trocas efectuavam-se entre Novembro e Fevereiro. No início do mês de Março, utilizando o rio Save, regressavam a Sofala transportando ouro, marfim e escravos do Grande Zimbabué e de outros locais do planalto Shona. Com a monção de Verão, em Maio, aqueles muçulmanos partiam de Sofala, pela costa, em direcção ao norte, nomeadamente para Quíloa e Melinde e, ainda, para os centros comerciais asiáticos.

Por outro lado, as actividades dos muçulmanos de Quíloa atingiam, também, outras áreas bem situadas no interior das regiões mineiras do Monomotapa.³⁰

²⁹ José Alberto Tavim, *As relações luso-africanas em Moçambique no século XVI. De Sofala ao Cuama*, U.N.L., F.C.S.H., Mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Seminário de África ao sul do Sará, não publicada, 1988, p. 31.

³⁰ Raymond Mauny, "Notes sur le probleme Zimbabwe-Sofala, in *Studia*, Jan. 1958, pp. 176-183; Roger Summers, *Ancient Mining in Rhodesia, Salisbury*, National Museum Memoir, 1969.

Acresce que pelo facto dos povos bantos-shonas do Grande Zimbabué, em meados do séc. XIV, usufruírem de condições climáticas bastante propícias à agricultura e à pastorícia, de disporem de solos férteis com chuvas que se distribuíam regularmente durante o ano, de possuírem escravaria e recursos minerais como cobre, ferro, prata e ouro, puderam sentir uma notável promoção económica que lhes possibilitava a aquisição de artigos de luxo, tais como, panos de Cambaia, contaria, porcelanas chinesas e louças persas.³¹

Estavam, pois, criadas as condições necessárias para se efectuar um intenso tráfico comercial entre o interior e a costa e outros centros do comércio internacional do Índico:

- sincronia entre a maior capacidade económica do planalto do Grande Zimbabué e a expansão do poder de Quíloa;
- funcionamento regular dos mecanismos da procura e da oferta;
- existência de vias de comunicação relativamente fáceis com o interior e sem grandes impedimentos ao longo da costa e na travessia oceânica..

O desfazer dos laços de dependência de Sofala em relação a Quíloa ocorrerá em meados do séc. XV, precisamente na época em que surgem graves divergências internas e se desencadeiam acesas disputas pelo poder entre a elite dirigente desta metrópole.³²

³¹ D.N.Beach, "The Zimbabwe Plateau and its Peoples", in David Birmingham and Phyllis Martin (eds), *History of the Central Africa*, Londres, 1983, Vol., p. 246; David Birmingham, "Society and economy before a.d. 1400), in *History of Central Africa*, Vol.I, pp. 24-25; Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Editorial Presença, Vol.I, Lisboa, 1981, p. 190.

³² Gervase Mathew, *Ob. cit.*, pp. 119-125; Neville Chittick, "The Shirazi colonization of East Africa", in *Journal of African History*, VI, 3, 1965, p. 293.

Este processo de dependência fará sentir os seus efeitos no modo de dominar e enquadrar os vários xecados e territórios que se encontravam na esfera de influência deste sultanato.

No entanto, o panorama económico não se alteraria significativamente.

Até á chegada dos portugueses, os mercadores de Quíloa continuaram a dominar, por completo, os circuitos comerciais. A significativa presença dos comerciantes muçulmanos árabes e persas no campo económico foi naturalmente acompanhada, desde muito cedo, pelo estabelecimento de profundos laços humanos, num processo de mestiçagem que se perpetuou, em sucessivas gerações, através de casamentos e concubinação com mulheres nativas.³³

Este intenso enraizamento social deu origem a uma outra cultura e a uma maneira diferente de conceber a vida, caracterizada por diversos traços materiais: modo de desenvolver a actividade comercial, o vestuário e a arquitectura; por fortes laços religiosos e espirituais: ideias, crenças, costumes, usos e valores; e, ainda, pelo surgir de uma nova língua. Nasceu, deste modo, uma cultura africanizada, de matriz bantu - a cultura suaíli.

Aliás, o termo suaíli, de origem árabe e que significa costa ou litoral, foi inicialmente empregue para designar os povos islamizados que foram criando raízes na costa oriental de África, enquanto que o vocábulo Kisuaíli significa a língua usada pelos povos da costa.

O suaíli não nos aparece, pois, como uma cultura homogénea, mas sim como a consequência do cruzamento de duas culturas ao longo de séculos de convivência na costa oriental africana - a bantu e a islâmica.

³³ Charles R. Boxer, *Relações raciais no Império colonial português (1415-1825)*, Edições Afrontamento, Porto, 1988, p. 45.

Os suaílis que se fixaram na costa moçambicana não vieram directamente da Arábia ou da Pérsia. Representam uma segunda migração vinda de outros centros da costa oriental africana que já tinham sido, anteriormente, objecto de um processo de islamização tais como Mogadíscio, Melinde, Quíloa, Zanzibar e as ilhas Comores.³⁴

Na antiga documentação da administração portuguesa, os suaílis são vulgarmente reconhecidos como "mouros da costa" ou, muito simplesmente, como "mouros". Porém, estas designações não os definem com total rigor já que, frequentemente, incluía os árabes de Oman, os indianos maometanos, os Khojas ismaelitas e outros muçulmanos.

A importância das cidades costeiras, normalmente localizadas na foz de um rio, em zonas que consentiam um rápido acesso ao interior e a outros portos do Índico, derivava da facilidade com que permitiam a realização de trocas comerciais com os produtores, com os agentes intermediários, suaílis e outros grupos da zona costeira, e com os comerciantes árabes e indianos.

Esta era, também, uma área geográfica em que o grupo etno-linguístico predominante era Macua, produto de uma das mais antigas vagas migratórias bantu para a costa oriental africana.

Os suaílis de Moçambique são, pois, o resultado da interligação cultural árabo-islâmica com o elemento macua, que era predominante. São povos que possuíam, no entanto, uma identidade própria: falavam uma língua bantu arabizada, viviam à margem das estruturas sociais tribais e comungavam de uma cultura material própria das zonas comerciais costeiras.³⁵ Mari-

³⁴ Aurélio Rocha, *Os suaíli de Moçambique: síntese histórico cultural de uma sociedade africana (Das origens ao fim do século XVIII)*, U.N.L., F.C.S.H., Mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Seminário de África ao sul do Sará, não publicado, Lisboa, 1987, p. 6.

³⁵ Idem, *Ibidem*, p. 5.

nheiros, pilotos muçulmanos e lascares, pescadores, calafates e carpinteiros navais participavam activamente nos lucros do comércio e concorriam para este lento processo de fusão cultural.

A influência dos muçulmanos e dos asiáticos na costa oriental africana manifestava-se, igualmente, através da divulgação de novas plantas alimentares, entre as quais destacamos o arroz, o milho (sorgo), diversos tipos de árvores de fruto (bananeira, coqueiro, mangueira, limoeiro, laranjeira, cidreira e romeira), e a cana do açúcar.³⁶

Por outro lado, os suaílis distinguiam-se pelos seus trajes, alguns particularmente ricos: "Eles se cobrem da cinta para baixo com uns panos de algodão e seda; trazem, outros, panos sobraçados como capas e fotas nas cabeças, alguns deles carapuchinhas de grã de quartos e de outros panos de lã de muitas cores e chamalotes e doutras sedas". As mulheres também se vestiam com panos de ouro, seda e algodão e usam "muito ouro e prata em cadeias e manilhas que trazem nos pés e nos braços e muitas jóias em as orelhas".³⁷

O comércio e a presença dos comerciantes árabes, persas e indianos nos entrepostos costeiros africanos foram promovendo um desenvolvimento gradual da vida urbana. De início, estes entrepostos apenas funcionavam como portos de regime sazonal, de acordo com o ritmo das monções, aonde acorriam os nativos interessados nas trocas comerciais com o estrangeiro. Depois, com a passagem a entrepostos permanentes, ganharam novas formas e dimensões devido à introdução de novas técnicas de construção das casas, nomeadamente a alvenaria, e, outros materiais, como a pedra e a cal.

³⁶ G. S. P. Freeman-Grenville, *Ob. cit.*, p. 19 e p. 31; Duarte Barbosa, *Ob. cit.*, p. 25; Conde de Ficalho, *Plantas úteis de África Portuguesa*, Agência Geral do Ultramar, 1968, p. 24.

³⁷ Duarte Barbosa, *Ob. cit.*, p. 17 e pp. 23-24.

Além disso, a arquitectura suaíli apresentava uma tendência para “utilizar mais as formas quadradas e rectangulares, do que as circulares utilizadas nas habitações dos seus vizinhos Macuas”.³⁸

Em relação aos traços de natureza religiosa e espiritual, verificamos que a cultura suaíli apresentava, devido à acção integradora do Islão, características próprias. A relativa simplicidade do credo muçulmano constituía uma das causas do sucesso do Islão em grande parte da costa oriental de África. A capacidade de adaptação dos islamitas, ou seja, a sua africanização, verifica-se, por exemplo, no facto da conversão dos nativos não acarretar, necessariamente, uma ruptura com os costumes sociais nem causar perturbações na vida familiar. Aliás, a admissão da poligamia contribuía fortemente para a propagação do Islão. “Nas iniciações, mantendo-se embora a morfologia tradicional local, introduziu-se um corpo doutrinário corânico, ponto central da estrutura religiosa e cultural suaíli”.³⁹

No tratamento das doenças utilizavam medicamentos, curandeiros e amuletos dos negros que, com versículos do Corão, lhes aprontava o Mualimo, o sacerdote, o professor erudito no normativo corânico.⁴⁰

As cerimónias do casamento, denominado harasi, não parece ter sofrido grandes alterações. É curioso referir, por exemplo, que na zona de Angoche elas tinham lugar à sexta-feira, que, como se sabe, no calendário muçulmano corresponde ao nosso domingo. É igualmente possível que, desde cedo e por influên-

³⁸ Nancy Hafkin, *Trade, Society, and Politics in Southern Mozambique c.1753-1913*, Boston University Graduate School, Ph. D. thesis, University Microfilms, 1973, p. 143.

³⁹ Aurélio Rocha, *Ob. cit.*, p. 25.

⁴⁰ Joaquim d'Almeida Cunha, *Estudo acerca dos usos e costumes dos Banianes, Bathias, Parses, Mouros, Gentios e Indígenas*, Parte 1ª, Cap. IV, p. 47.

cia islâmica, a dádiva de bens nupciais possa ter conhecido algumas modificações no tipo e valor das "ofertas".⁴¹

Porém, a transmissão da herança por morte do pai faz-se ao sobrinho mais velho, filho da irmã, ou aos irmãos, segundo o costume praticado geralmente pelos povos de origem bantu, nomeadamente os macuas, e não aos filhos, como preceitua o código muçulmano.

Os aspectos relacionados com a matrilinearidade, fornecida pelo elemento macua no casamento, parecem ter exercido uma influência determinante no tecido económico e na organização política. A estrutura política conservou-se familiar, embora a extensa cadeia hierárquica tivesse sido gradualmente suprimida. As entidades de maior autoridade eram o sultão e o xeque. Toda a elite dirigente provinha da família do sultão ou do xeque e era composta pelos seus sobrinhos, filhos da irmã.⁴²

De facto, se o Islão e a língua dos suaílis parecem ter conferido uma visão de unidade a toda esta costa até Quelimane, a realidade é que ela se encontrava politicamente dividida pelas diversas famílias que governavam as cidades.

Quanto à língua dos suaílis, o kisuáli, ela é de raiz bantu com alguns elementos árabes e também, em menor grau, persas, turcos e hindi. Esta língua, de fácil aprendizagem porque não apresenta dificuldades de pronúncia, lê-se tal qual se escreve e não tem regras gramaticais complexas, rapidamente se estabeleceu como língua franca, utilizada no comércio ao longo da costa oriental africana, desde Mogadíscio até Quelimane.⁴³

⁴¹ Idem, *Ibidem*, pp. 46-47.

⁴² Aurélio Rocha, *Ob. cit.*, p. 25.

⁴³ E. J. Vilhena, "A influência islâmica na costa oriental d'África", in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 6, 1966, p. 133; P. A. Maria Lopes, "A língua suaíli", in *Boletim do Museu de Nampula*, Vol. 2, Nampula, 1961, pp. 131-132; P. Prata, "Influência do Português sobre o Suahili", in *Boletim do Museu de Nampula*, 1961, pp. 135-137.

Também a escrita destes pequenos “estados” islâmicos era já no séc XVI, provavelmente, o suaíli. Isso pode ser comprovado através da Crónica de Quíloa, escrita por volta de 1520, da correspondência que o rei de Melinde endereçou ao rei de Portugal e da Crónica de Pate.

Para além das referências de Cosmas Indicopleustus no séc. VI, a mais preciosa informação acerca do tráfico entre a Índia e a costa oriental africana é do Chao Ju-Kua (c.1226), na sua obra *Chu-fan-Chih* (Descrição dos povos bárbaros). Chao Ju - Kua, um representante oficial do comércio externo da província chinesa de Fukien, relata-nos que todos os anos navios do Guzerate (Hu-ch’a-la) e da costa da Arábia (Ta-shi) partiam em direcção a Zanzibar (Ts’ong-pa) carregados com panos de algodão branco e vermelho, cobre e porcelana chinesa.⁴⁴

Mais tarde, quando a dinastia Ming tomou o poder na China em 1368, o comércio entre as regiões extremas do Oceano Índico intensificou-se bastante. Entre 1405 e 1433, os imperadores Yung Lo e Hsuan-Te enviaram sete grandes expedições marítimas a vários países do sueste asiático e do Índico ocidental, que foram dirigidas por Zheng-He, um eunuco originário de uma família muçulmana do Yunan. Duas dessas expedições, em 1417-19 e em 1421-22, chegaram a entrar em contacto com a costa oriental africana. Mogadíscio, Brava e as ilhas Juba foram consideradas tributárias do Império Ming. A última frota imperial atingiu o Mar Vermelho, em 1431-32.⁴⁵

No entanto, não devemos exagerar sobre os contactos havidos entre África e o Extremo Oriente. A maior parte dos artigos chineses eram adquiridos por mercadores muçulmanos indianos para serem trocados no mercado africano.

⁴⁴ G. S. P. Freeman-Grenville, *Ob. cit.*, p. 21.

⁴⁵ Denys Lombard, *A China Imperial*, Biblioteca Arcádia de Bolso, Secção III - História e Geografia, 130, Lisboa, p. 187; Claude Markovitz (dir.), *Histoire de L’Inde Moderne* (1480-1950), Librairie Arthème Fayard, 1994, p. 21.

Na verdade, a Índia islâmica iria conhecer algumas transformações políticas. O sultanato do Guzerate, que desde 1298 se encontrava dependente do sultanato de Deli, tornou-se soberano em 1396 por Muzaffar I. O sultanato de Kandesh foi fundado em 1382, enquanto que o sultanato Bahmanida do Decão conheceu em grande desenvolvimento nos finais do séc. XVI, graças ao activo comércio marítimo que mantinha no Mar Arábico. Foram os comerciantes destas regiões, especialmente os Guzerates, que estabeleceram as trocas comerciais com África Oriental.⁴⁶

No séc. XV encontramos notícias que indicam que se navegava directamente de Calicute, Dabul e Diu para Socotorá e daí para a costa oriental africana. Também se viajava directamente de Calicute para Zanzibar e do Sind ou do Guzerate para a costa Zanj.⁴⁷

Quando os portugueses chegaram à costa oriental de África encontraram um conjunto de cidades e estabelecimentos árabes, situados entre Mogadíscio e Sofala, que desenvolviam uma intensa actividade comercial com o sultanato de Oman e com o Guzerate.

Este comércio consistia na permuta de missanga e de tecidos de algodão de Cambaia por ouro, que desde o início constituiu o principal motivo de interesse dos portugueses, por escravos, marfim e, em menor escala, por carapaças de tartaruga, âmbar, cera, resina e caurim.

O marfim de África Oriental, pela sua textura homogénea e cor praticamente inalterável, era preferido no fabrico de inúmeros objectos de arte. Entre estes objectos contam-se as braceletes utilizadas pelas noivas e mulheres casadas indianas, que eram

⁴⁶ Claude Markovitz (dir.), *Ob. cit.*, pp. 19-20.

⁴⁷ José Alberto Tavim, *A costa oriental africana no livro de Duarte Barbosa*, U. N. L., F. C. S. H., Mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Seminário de História da Ásia (Séc. XV-XVIII), não publicado, Lisboa, 1989, p. 34.

quebradas e destruídas por ocasião do falecimento do marido. Era frequente os portugueses encomendarem a artesãos hindus obras em marfim destinadas ao culto religioso. O marfim foi também muito utilizado no fabrico de objectos de luxo e de uso corrente, nomeadamente saleiros, pentes ou formas de marcar bolos. Mesas, cadeiras e contadores executados por artesãos persas e hindus eram profusamente decorados com embutidos de marfim de modo a realçar cenas da corte, elementos vegetalista e animais exóticos da mitologia indiana.

As mercadorias importadas para África, as contas e os panos indianos, eram, desde há muito, os preferidos pelos nativos africanos.

As missangas indianas poderiam ser cornalinas e ágatas de Bombaím mas, a sua maioria eram contas de vidro, ou contas de barro vidrado coloridas, grossas e mal acabadas. Os panos eram, no entanto, o produto de maior procura pelos africanos, constituindo a medida que estabelecia o valor das mercadorias transaccionadas. A importação de panos está relacionada com a necessidade das elites africanas se distinguirem do resto da população. A cada vez maior aquisição de fazendas indianas era uma forma de reforçar o seu poder, exercer a sua função redistributiva pelos subditos dirigentes, obter mais gado e mulheres. Era com panos de Cambaia que se fazia a maior parte do comércio. Com eles que se pagava o ouro, o marfim e os escravos e que, no tempo da presença portuguesa, se pagava aos soldados, à administração e ao clero. Por outro lado, os tecidos de algodão indiano mais difundidos junto às elites costeiras, eram muitas vezes utilizados no fabrico de panos indígenas mais grosseiros e resistentes - as machiras.⁴⁸

⁴⁸ As machiras são lençóis grossos de algodão, de fabrico indígena. São tecidos através da mistura de panos coloridos indianos com textéis de algodão produzidos no vale de Chire, no Bororo e, também, na zona de Inhangoma e Caya nas cercanias de Sena, pelo processo de desfiar e entrelaçar os fios crus.

Por outro lado, os portugueses também constataram que os mercadores guzerates eram muito influentes na costa oriental africana.

Quando Vasco da Gama chegou a Melinde encontrou um grande número de mercadores guzerates, muçulmanos e hindus, "entre os quaes vieram certos homens, a que chamam Baneanes do mesmo Genticio do Reyno de Cambaia". Neste grupo de indianos incluía-se o piloto Malemo Cana, "hum grão thesouro" que conduziria Vasco da Gama até Calicute.⁴⁹

Tomé Pires, na *Summa Oriental* escrita entre 1512-15, descreve-nos as rotas do comércio tradicional que unia a costa oriental africana ao Extremo Oriente. Ouro, marfim e escravos saíam dos portos de Barbora e Zeila, no corno de África, rumo à Arábia, especialmente para Aden. Em Quíloa, Melinde, Brava, Mogadíscio e Mombaça, aqueles produtos eram trocados por cavalos árabes. Segundo Tomé Pires, os mercadores dessas cidades africanas também se dirigiam a Cambaia para obter tecidos de algodão e missanga. Para além disso, muitos deles, chegados ao porto de Cambaia, aproveitavam as monções e os barcos guzerates, e prosseguiram viagem com outros mercadores árabes, persas e turcos em direcção a Malaca.⁵⁰

Também Duarte Barbosa, em 1516, nos relata com clareza o modo como se processava o comércio entre a costa oriental de África e o Guzerate, mencionando com pormenor as zonas, os intervenientes e os produtos transaccionados. Até Quíloa, Melinde e Mombaça vinham navios de Cambaia com panos de algodão multicolor e vários tipos de contas que eram pagas em ouro. Aquelas mercadorias eram, depois, transportadas para Sofala em pequenos zambucos. A Sofala acorriam os nativos

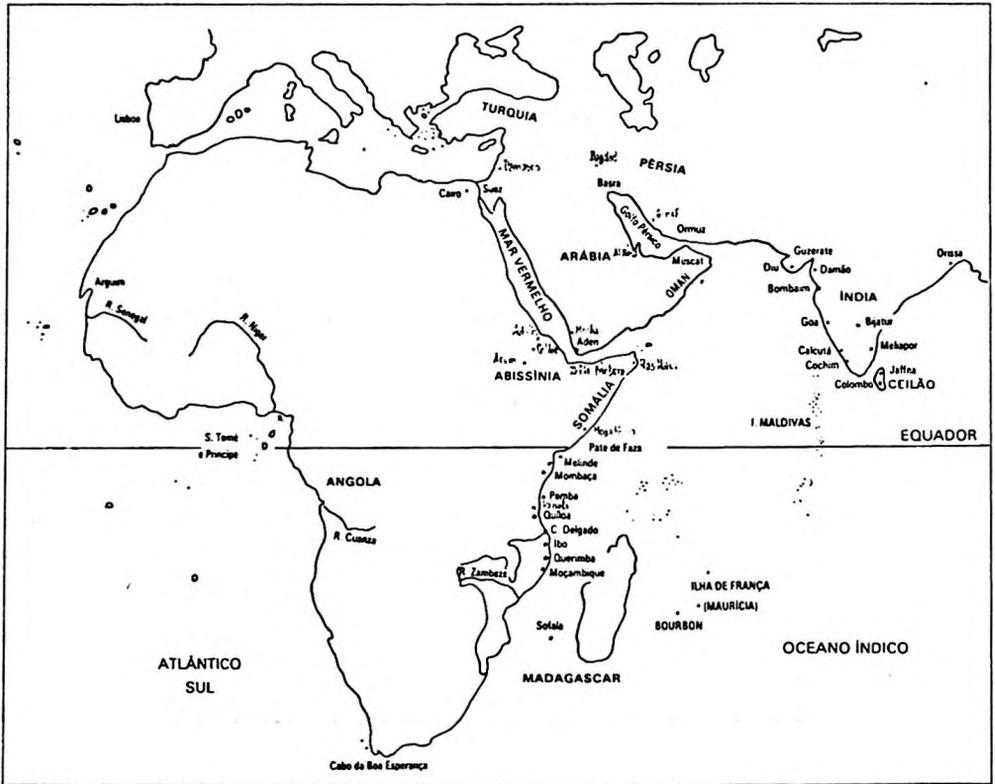
⁴⁹ João de Barros, *Ob. cit.*, Déc. I, Livro IV, Cap. VI, pp. 317-322.

⁵⁰ Tomé Pires, *A Suma Oriental*, leitura e notas de Armando Cortesão, in *Actas Universitatis Conimbricensis*, Coimbra, 1978, p. 143, 203 e 422.

do Monomotapa e de outras regiões vizinhas tão carregados com marfim e ouro que, nas trocas que faziam, sem contagem nem pesagem, os intermediários ganhavam “cento por um”.⁵¹

À chegada dos portugueses, as actividades comerciais em Moçambique eram muito influenciadas pela existência de uma vasta rede comercial asiática que se estendia da costa oriental de África ao Oman e Guzerate.

Lisboa, 21 de Novembro de 1994



África Oriental e Oceano Índico

⁵¹ Duarte Barbosa, *Ob Cit.*, p. 17 e 21.

A presença asiática na costa oriental africana

